

**Carta a**  
**MENECEU**  
**sobre a**  
**FELICIDADE**  
**e outras cartas**



EPICURO

Carta a  
**MENECEU**  
sobre a  
**FELICIDADE**  
e outras cartas

Tradução  
Ana Death



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural  
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do inglês  
*Letter to Menoeceus, Letter to  
Herodotus, Letter to Pythocles*

Texto  
Epicuro

Tradução  
Ana Death

Revisão  
Fernanda R. Braga Simon

Diagramação  
Linea Editora

Design de capa  
Ana Dobón

Produção editorial e projeto gráfico  
Ciranda Cultural

Imagens  
Cristina Conti/shutterstock.com;  
Singleline/shutterstock.com

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

E64c	Epicuro Carta a Meneceu sobre a felicidade e outras cartas / Epicuro ; traduzido por Ana Death. - Jandira, SP : Principis, 2021. 96 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Clássicos da literatura mundial)  ISBN: 978-65-5552-321-8  1. Filosofia. 2. Epicuro. I. Death, Ana. II. Título. III. Série.  CDD 187 CDU 1(38)
2021-275	

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

#### Índice para catálogo sistemático:

1. Filosofia : Epicuro 187
2. Filosofia grega 1(38)

1ª edição em 2021

[www.cirandacultural.com.br](http://www.cirandacultural.com.br)

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

# SUMÁRIO

Introdução .....	7
Carta a Meneceu .....	10
Sobre carta a Meneceu .....	16
Carta a Pítocles .....	18
Carta a Heródoto .....	27
Sobre Epicuro e sua filosofia .....	48
Escrituras epicurianas .....	66
Aforismos .....	82
Biografia .....	93
Referências .....	95





## INTRODUÇÃO

Epicuro, filósofo grego, deixou-nos apenas três cartas: a primeira, *Carta a Heródoto*, apresenta sua metafísica; a segunda, *Carta a Pítocles*, explica fenômenos meteorológicos atômicos; a terceira e mais importante, *Carta a Meneceu*, introduziu sua ética.

Em *Carta a Heródoto*, Epicuro resume as doutrinas essenciais de “Sobre a Natureza” (da qual somente alguns fragmentos foram recuperados). Em uma época em que a maioria dos filósofos ainda endossava o que equivalia a uma visão mágica do mundo, Epicuro se coloca diretamente na tradição atomista/materialista de Demócrito. Epicuro também adiciona alguns *insights* brilhantes e audazes de sua própria mente, notavelmente em sua explicação da função mental em termos dos movimentos de átomos neurais especializados e em sua sugestão de que o universo é cheio de outros mundos em que a vida extraterrestre é possível. Outro tema importante dessa carta é o papel do conhecimento físico na promoção da felicidade humana e da negação do ceticismo e da superstição.

## EPICURO

*Carta a Pítocles* traz uma súmula de sua interpretação cosmológica e, em muitos aspectos, um tratado sobre o movimento e o funcionamento dos astros. Para Epicuro, o conhecimento dos “meteoros”  indispensável para exorcizar o medo dos deuses. Esse conhecimento  apenas conjectural e mostra que pode haver várias explicações, igualmente plausíveis, dos fenmenos celestes;  impossível reduzir a multiplicidade de fenmenos a um único princípio explicativo, pois eles provm da situação do ser humano, a quem esses fenmenos não são diretamente acessíveis aos limites de sua inteligência. A sabedoria  respeitar os limites da experiência ótima para conhecer e tentar compreender as realidades naturais. Essa  a única maneira de se proteger contra medos e ansiedades relacionados a mitos e teorias do sobrenatural.

Escrita de forma direta, de um amigo para o outro, *Carta a Meneceu*  um verdadeiro manual de felicidade. A mensagem que fica  a seguinte: Faça o que eu digo e será feliz.

Epicuro formula sua filosofia tica como uma vida asctica de prazer e virtuosa. A felicidade  o maior bem, diz Epicuro seguindo Aristóteles. E a felicidade  a maximização do prazer. Se todos os prazeres são boas fontes, Epicuro distingue os prazeres dinâmicos (comer) dos prazeres estticos (saciedade). O prazer  um estado de equilíbrio esttico entre a satisfação do desejo e o nascimento de novos desejos, frustrações e dor. Da mesma forma, Epicuro distingue os prazeres físicos dos prazeres psicológicos. Quanto ao desejo, Epicuro diz que o sábio deve eliminar alguns e ir atrás dos desejos facilmente acessíveis. Para Epicuro são três os tipos de desejos: os desejos naturais e necessários; os desejos naturais e desnecessários; e os desejos não naturais e desnecessários. Estes desejos, tais como busca de fama, de destaque ou de fortuna, devem ser eliminados porque sua satisfação  desconhecida.



## CARTA A MENECEU SOBRE A FELICIDADE E OUTRAS CARTAS

Na virtude, ele desenvolveu uma comparação única com outros filósofos gregos: em seu lar, as virtudes são apenas um meio para alcançar a felicidade, e não um fim em si mesmo.

Por fim, Epicuro busca resolver a questão da angústia metafísica do homem, defendendo uma filosofia de não pensar na morte. A morte é aniquilação, porque a mente é um grupo de átomos que se dispersa após a morte. Se a mente é condutor, ela não pode ter medo. Afinal, a morte não é nada para nós.



# CARTA A MENECEU<sup>1</sup>

## SAUDAÇÕES

Que ninguém seja lento para buscar sabedoria quando jovem nem cansado em sua busca quando estiver envelhecido, pois nenhuma idade é muito precoce ou muito tardia para a saúde da alma. E dizer que a temporada para estudar filosofia ainda não chegou, ou que passou e se foi, é como dizer que a temporada para a felicidade ainda não chegou ou que agora não existe mais. Portanto, tanto o idoso quanto o jovem devem buscar sabedoria, o primeiro para que, como a idade vem sobre ele, ele possa ser jovem em coisas boas por causa da graça do que tem sido, e o último para que, enquanto ele for jovem, pode ao mesmo tempo ser velho, pois não tem medo das coisas que estão por vir. Então devemos nos exercitar nas coisas que trazem felicidade, já que, se ela estiver presente, teremos tudo, e, se estiver ausente, todas as nossas ações serão direcionadas para alcançá-la.

---

<sup>1</sup> Traduzido para o inglês por Robert Drew Hicks. (N.T.)

Aquelas coisas que sem cessar eu declarei a você, faça-as, e exercite-se nelas, mantendo-as como elementos da vida certa. Primeiramente acredite que Deus é um ser vivo imortal e feliz, de acordo com a noção de um deus indicado pelo senso comum da humanidade; e assim a ele não atribua nada que esteja em desacordo com sua felicidade ou sua imortalidade. Pois realmente existem deuses, e o conhecimento deles é evidente; mas eles não são como a maioria das pessoas acredita, vendo que as pessoas não mantêm firmemente as noções que têm deles, respeitando-os. Não a pessoa que nega os deuses adorados pela multidão que é ímpia, mas, sim, aquele que afirma dos deuses aquilo que a maioria acredita em relação a eles é que é verdadeiramente ímpio. Pois as declarações da multidão sobre os deuses não são verdadeiros preconcebimentos, mas falsas suposições; portanto, é que os maiores males acontecem com os ímpios e as maiores bênçãos acontecem com o bem da mão dos deuses, vendo que eles são sempre favoráveis às suas próprias boas qualidades e têm prazer em pessoas como eles mesmos, mas rejeitam como estranhos os que não são de seu tipo.

Acostume-se a acreditar que a morte não é nada para nós, pois o bem e o mal implicam consciência, e a morte é a privação de toda a consciência; portanto, um entendimento certo de que a morte não é nada para nós torna a mortalidade da vida agradável, não adicionando à vida um tempo ilimitado, mas removendo o anseio pela imortalidade. Pois a vida não tem terror para aqueles que apreendem completamente que não há terrores para eles em cessar de viver. Tolo, portanto, é a pessoa que diz que teme a morte, não porque vai doer quando vier, mas porque dói na perspectiva. O que não causa incômodo quando está presente, causa apenas uma dor infundada em sua expectativa. A morte, portanto, o mais terrível dos males,

não é nada para nós, vendo que, quando existimos, a morte não está chegando, e, quando a morte está chegando, nós não existimos. A morte não é nada, então, nem para os vivos nem para os mortos, pois com os vivos não é nada, e os mortos não existem mais. Mas no mundo, ao mesmo tempo, as pessoas evitam a morte como o maior de todos os males, e em outro momento escolhem-na como um descanso dos males da vida. A pessoa sábia não deprecia a vida nem teme a cessação desta. O pensamento da vida não é ofensa para ele, nem é a cessação da vida considerada um mal. E até mesmo como as pessoas escolhem a comida não apenas e simplesmente a porção maior, mas a mais agradável, do mesmo modo os sábios procuram desfrutar do tempo que é mais agradável, e não apenas do que é mais longo. E aquele que admoesta os jovens para viverem bem e o velho para que faça um bom fim fala tolamente, não apenas por causa da conveniência da vida, mas porque o mesmo exercício ao mesmo tempo ensina a viver bem e a morrer bem. Muito pior é aquele que diz que era bom não ter nascido, mas, quando uma vez tendo nascido, quer passar com toda a velocidade através dos portões de Hades. Pois se ele realmente acredita nisso, por que não se afasta da vida? Seria fácil para ele fazê-lo, se uma vez ele estivesse firmemente convencido. Se ele fala apenas em zombaria, suas palavras são tolices, pois aqueles que o ouvem nele não acreditam.

Devemos lembrar que o futuro não é totalmente nosso nem totalmente não é nosso, de modo que nem devemos contar com ele como bastante certo de vir nem ficarmos desesperados como se fosse bastante certo não vir.

Devemos também refletir que, dos desejos, alguns são naturais, outros são infundados; e que, dos naturais, alguns são necessários, bem como naturais, e alguns são apenas naturais. E dos desejos

necessários, alguns são necessários se quisermos ser felizes, alguns, se o corpo deve livrar-se do mal-estar, alguns, se quisermos até mesmo viver. Aquele que tem uma compreensão clara e certa dessas coisas direcionará todas as suas preferências e aversões para garantir a saúde do corpo e a tranquilidade da mente, vendo que esta é a soma e o fim de uma vida feliz. Pois o fim de todas as nossas ações é estar livre de dor e medo, e, uma vez que alcançamos tudo isso, a tempestade da alma é então poupada; vendo que a criatura viva não tem necessidade de ir em busca de algo que está faltando, nem de buscar qualquer outra coisa pela qual o bem da alma e do corpo será cumprido. Quando estamos sofrendo, o prazer, então, e então apenas, sentimos a necessidade de prazer. Por esta razão, chamamos o prazer de alfa e ômega de uma vida feliz. Prazer é nosso primeiro e inerente bem. É o ponto de partida de cada escolha e de cada aversão, e para ele voltamos, na medida em que fazemos do sentimento a regra pela qual julgamos cada coisa boa. E, como o prazer é o nosso primeiro e inerente bem, por essa razão não escolhemos todos os prazeres que sejam, mas muitas vezes abrimos mão de muitos prazeres quando um maior aborrecimento se segue deles. E muitas vezes consideramos dores superiores aos prazeres quando a submissão às dores por muito tempo nos traz como consequência um maior prazer. Embora, portanto, todo prazer, por ser naturalmente a nós relacionado, nem todo prazer é digno de escolha, assim como toda dor é um mal e ainda nem toda dor deve ser evitada. É, no entanto, medindo um em comparação com o outro, e analisando as conveniências e as inconveniências, que todos esses assuntos devem ser julgados. Às vezes tratamos o bem como um mal, e o mal, pelo contrário, como um bem. Mais uma vez, nós consideramos a independência de coisas externas como um grande bem, não tanto em todos os casos para

usá-las pouco, mas de modo a ser contentado com pouco se não tivermos muito, sendo honestamente persuadidos de que eles têm o mais doce prazer do luxo de que menos necessitam, e o que é natural é facilmente adquirido, e apenas o vaidoso e inútil é difícil de ganhar. Os alimentos mais simples proporcionam tanto prazer quanto uma dieta cara, quando uma dor de desejo foi removida, enquanto pão e água conferem o maior prazer possível quando são levados a lábios famintos. Pois habituar-se, portanto, a dietas simples e baratas provê tudo que é necessário para a saúde, e permite que uma pessoa cumpra os requisitos necessários da vida sem morrer de fome, e nos coloca em uma condição melhor quando nos aproximamos em intervalos de uma dieta cara, e nos torna destemidos da fortuna.

Quando dizemos, então, que o prazer é o fim e o objetivo, nós não estamos nos referindo aos prazeres do pródigo ou aos prazeres da sensualidade, como alguns são levados a entender através de ignorância, preconceito ou deturpação intencional. Por prazer queremos dizer a ausência de dor no corpo e de problemas na alma. Não é uma sucessão ininterrupta de bebedeiras e de alegria, não é amor sexual, não é o prazer do peixe e de outras iguarias de uma mesa luxuosa, que produz uma vida agradável; é o raciocínio sóbrio, procurando os fundamentos de cada escolha e abstenção, e banindo essas crenças através das quais os maiores distúrbios tomam posse da alma. De tudo isso, a prudência é o supremo bem. Por esta razão, a prudência é algo mais precioso até mesmo do que as outras virtudes, pois uma vida de prazer que não é também uma vida de prudência, honra e justiça, ou seja, uma vida de prudência, honra e justiça também não é uma vida de prazer. Pois as virtudes crescem em uma vida agradável, e uma vida agradável é inseparável delas.

Quem, então, é superior em seu julgamento para tal pessoa? Ele detém uma crença sagrada sobre os deuses e está completamente

livre do medo da morte. Ele tem diligentemente considerado o fim estabelecido pela natureza, e entende o quão facilmente o limite das coisas boas pode ser alcançado e obtido, e como a duração ou a intensidade dos males é apenas desimportante. Do destino que alguns introduzem como soberano sobre todas as coisas, ele ri de desprezo, afirmando que algumas coisas acontecem por necessidade, outras por acaso, outras por nossa própria ação. Pois ele vê que a necessidade destrói a responsabilidade e essa chance ou fortuna é inconstante; enquanto nossas próprias ações são livres, e é a elas que o louvor e a culpa naturalmente se prendem. Seria melhor, de fato, aceitar as lendas dos deuses do que se curvar sob o destino que os filósofos naturais impuseram. Aquele que crê que possamos escapar se honrarmos os deuses, enquanto a necessidade dos naturalistas é surda para todas as súplicas, tem alguma esperança, mesmo que fraca. Nem tem ele a chance de ser um deus, como o mundo em geral acha, pois nos atos de um deus não há desordem; nem para ser uma causa, embora incerta, pois ele acredita que nenhum bem ou o mal seja dispensado por acaso para as pessoas de modo a tornar a vida feliz, embora ele forneça o ponto de partida do grande bem e do grande mal. Ele acredita que o infortúnio do sábio é melhor do que a prosperidade do tolo. É melhor, em suma, que o que é bem julgado em termos de ações não deva sua questão de ser bem-sucedido à ajuda do acaso.

Exercite-se nestes e em preceitos semelhantes noite e dia, sozinho e com aquele que pensa você; então nunca, nem acordado ou sonhando, você será perturbado, mas viverá como um deus entre as pessoas. Pois as pessoas perdem toda a aparência de mortalidade vivendo no meio de bênçãos imortais.